

## CONFORMAÇÕES FAMILIARES EM CONTOS DE *CADERNOS NEGROS*: O PAPEL DA MÃE

Denise de Almeida Silva (URI)

### Resumo:

Este estudo propõe-se a analisar o papel materno em dois contos de *Cadernos Negros*: “Maria”, de Conceição Evaristo, (1991) e “Pais”, de Márcio Barbosa (2007). O primeiro, mais associado à face denunciatória da literatura negra no Brasil, tem como protagonista personagem que vive às margens da sociedade, em configuração familiar que foge ao padrão nuclear composto por pai, mãe e filhos; “Pais” apresenta uma estrutura familiar tradicional. Após reflexões teóricas sobre a função social da família e novos modelos de estruturação familiar, especialmente em situações de risco, analisam-se os contos, salientando-se as diferentes formações familiares, as pessoas a quem é atribuído o papel de mãe, e os conflitos identitários que surgem da interpelação da mãe em papéis conflitantes.

**Palavras-chave:** Família; Função materna; *Cadernos Negros*; Literatura Afro-brasileira

### Abstract:

This study proposes to analyze the mother's role in two stories from *Cadernos Negros*: Conceição Evaristo's "Maria", (1991) and Márcio Barbosa's "Pais" (2007). The first short story, more closely related to the most denunciatory aspect of black literature in Brazil, has as its protagonist a character who lives on the margins of society, and integrates family configurations which escape the standard nuclear family, composed of father, mother and children; "Pais" depicts a traditional family structure. After theoretical reflections on the social function of the family and new familial configurations, especially the ones at risk situations, the short stories are analyzed, pointing out different family formations, the people to whom the mother's role is assigned and the identity conflicts that arise from the interpellation of the mother in conflicting roles.

**Keywords:** Family; mother's role; *Cadernos Negros*; Afro-Brazilian Literature.

Família é um conceito polissêmico, histórica e culturalmente determinado – sua definição tem sofrido alterações ao longo dos anos, e adquirido significados particulares de acordo com os valores e tradições específicas de cada local, à medida que fatores econômicos e demográficos, bem como outros dados de natureza social, política e ideológica determinam diferenciação em seus modelos estruturais. Este estudo analisa a representação de

estruturas contemporâneas desse grupo social, e centra-se nas pessoas a quem é atribuído o papel de mãe e nos conflitos identitários que surgem da interpelação da mãe em papéis conflitantes, em contos publicados em *Cadernos Negros*.

A escolha deste corpus remete a um universo narrativo bem específico, o da literatura afro-brasileira, que se constitui “como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira.” (EVARISTO, 2011, p. 131). Surgidos nos anos 1970, quando, a par de intensa articulação política, escritores e intelectuais negros repensam a produção literária em termos de forma, conteúdo, produção, distribuição e recepção (SILVA, 2011), os *Cadernos negros*, vêm, a partir de 1978, oportunizando o exercício de uma criação literária em que o negro passa de objeto a sujeito da escrita. Os contos analisados foram publicados nos volumes 14 e 30; “Maria”, de Conceição Evaristo (1991), tem como protagonista personagem que vive às margens da sociedade, em configuração familiar que foge ao padrão da família nuclear composta por pai, mãe e filhos. “Pais”, de Márcio Barbosa (2007), apresenta uma estrutura familiar tradicional. Precedem à análise literária reflexões teóricas sobre a persistência, importância e função social da família, mesmo em face de suas modificações na contemporaneidade.

### **1 A família: modelos estruturais e função social**

Pensada em relação ao modelo estrutural ainda predominante no mundo ocidental, o nuclear, composto por pai, mãe e filhos, a família representa uma unidade grupal onde se desenvolvem, segundo Lévi-Strauss (1982), três tipos de relações pessoais: aliança (entre o casal), filiação (entre pais e filhos) e consanguinidade, baseada nas relações entre irmãos. Sob a influência de múltiplos fatores – econômicos (urbanização, entrada da mulher no mercado de trabalho), demográficos (queda da taxa de natalidade, elevação da expectativa de vida), sociais e culturais (descrença no casamento como relação eterna, flexibilização das separações e reuniões) – outros modelos de conformação familiar nuclear vêm a existir na contemporaneidade. Estruturados ou não a partir de relações de parentesco, estes novos grupos familiares são, também, ligados por redes de intercâmbio, cooperação e solidariedade, como na formação tradicional.

Os novos grupos familiares configuram-se tanto como variações da tradicional família nuclear quanto como novas formações grupais. A biparentalidade típica do modelo nuclear passa a dar lugar, muitas vezes, à família monoparental, composta por qualquer dos pais e

seus descendentes, e chefiada, sobretudo, por mulheres. Este modelo corresponde, via de regra, mas não necessariamente, à família descasada (mãe+filhos ou pai+filhos).

A redução no número de membros do grupo familiar, visível mesmo no modelo nuclear, através da tendência à diminuição de filhos nas populações citadinas, também se manifesta em arranjos familiares tais como os formados por casais sem filhos ou famílias unipessoais, isto é, domicílios habitados por uma única pessoa, como viúvos ou adultos jovens. Outros modelos, ainda, são os grupos familiares compostos por duas ou mais pessoas, que não se configuram nem como casal nem como pai(s) e filho(s).

Apesar dessas modificações, a configuração familiar persiste, sendo uma das instituições sociais básicas, central para a sobrevivência dos indivíduos: espera-se que preserve a espécie, nutra e ofereça proteção a seus membros e contribua para sua socialização, sendo instrumental na transmissão do capital cultural e econômico do grupo, bem como em suas relações genéricas e intergeracionais. Assim, em que pesem as mudanças na estrutura familiar ocidental e as novas configurações familiares, suas responsabilidades e funções sociais continuam relevantes no mundo contemporâneo.

Em face dos baixos salários e da carência de serviços públicos, estudos evidenciam a ocorrência de estratégias familiares de sobrevivência, operantes a partir de uma lógica de solidariedade nos grupos domésticos, que atuam como unidades de formação de renda e de consumo, maximizando os recursos a sua disposição. Especialmente nas classes populares, essas estratégias de sobrevivência vão depender de fatores como a fase do ciclo familiar, número e características de seus componentes (sexo, idade, instrução, qualificação e posição no grupo doméstico (chefe, cônjuge, filho). Nessa ambiência, tradicionalmente esperava-se do homem que fosse o provedor e chefe da família; nesses casos, às mulheres restava obter apoio moral e econômico que lhes permitisse dedicação à casa e à criação dos filhos. Quando essa compreensão do papel do homem e da mulher no círculo familiar é frustrada pelo subemprego e baixos salários, a mulher vê seu projeto de melhoria de vida desfeito, e o homem, sentindo-se fracassado, muitas vezes entrega-se ao alcoolismo, ou abandona a família. Em 2003, refletindo sobre a conformação familiar e a proteção social, Carvalho e Almeida ressaltam o fato de que a probabilidade de famílias chefiadas por mulheres, especialmente com filhos pequenos, serem pobres ou muito pobres era grande. É exatamente essa a situação em que se encontra a protagonista do conto “Maria” (1991), analisado a seguir.

## **2 Configurações familiares em contos de *Cadernos negros*: o papel da mulher**

### **2.1 Maria: a identidade materna em conflito na família monoparental pobre**

“Maria” remete a uma família monoparental, chefiada por uma mulher. O nome é significativo – Maria, mãe de Jesus, tornou-se um patronímico quase sinônimo de mulher. Outra não foi a percepção da mais antiga organização de mulheres negras no Brasil, a Maria Mulher, fundada em 1987, com o objetivo de defender os direitos humanos das populações marginalizadas e excluídas, principalmente a população afrodescendente, e fazer o enfrentamento às discriminações sexista, étnico-racial e social. Como registrado no site do grupo, o nome presta “homenagem às mulheres negras brasileiras por excelência. Maria é sinônimo de mulher negra que trabalha, luta, sonha, mas permanece, ainda, invisibilizada na sociedade que ajuda a construir”. ( MARIA MULHER, 2012).

Tal qual as mulheres homenageadas pela Maria Mulher, a Maria protagonista do conto homônimo de Conceição Evaristo, pobre, preta e mãe de três filhos ainda na primeira adolescência e infância, sujeita-se a longas viagens diárias entre sua casa e a da patroa, a fim de ganhar o sustento para seu grupo familiar. Nisso é típica representante das classes populares, em que o emprego doméstico é o grande absorvedor da mão-de-obra feminina. Essa realidade indica “tanto a permanência de papéis tradicionais para as mulheres no mercado de trabalho como a precariedade de sua inserção, uma vez que esse tipo de emprego apresenta os menores níveis de formalizado do vínculo, jornadas de trabalho irregulares e prolongadas e baixa remuneração”. (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 116).

Davis considera o subemprego feminino no quadro dos choques econômicos que levaram os grupos familiares a se reagrupar em torno dos recursos da família e, principalmente, da “capacidade de sobrevivência e da engenhosidade desesperada das mulheres” (2006, p. 161). Face ao desaparecimento dos empregos formais para homens, mães, irmãs e esposas passaram a suportar mais do que a metade do peso do ajuste estrutural urbano: mulheres pobres tiveram de trabalhar mais, fora e dentro de casa, para compensar o corte dos gastos públicos e da renda masculina. Esses desenvolvimentos, acompanhados ou não pela migração dos homens, fizeram com que as mulheres improvisassem novos meios de vida como montadoras pagas por peça, vendedoras ambulantes ou domiciliares, cabeleireiras, faxineiras, lavadeiras, catadoras de papel e babás. Logo essa marginalidade ocupacional passou a identificar-se com marginalidade urbana: dados da ONU dão conta de que, no mundo em desenvolvimento, cerca de dois quintos da população são trabalhadores informais.

Em “Maria”, a monoparentalidade e o conseqüente ônus de chefiar a família e prover-lhe o sustento ocorrem face ao abandono do lar do pai de seu filho mais velho, o único companheiro estável que teve. A família mora em lugar periférico, o que é sugerido pelo longo tempo de espera por um ônibus, aparentemente pouco frequente, como costuma ser o do subúrbio, e a distância entre sua casa e a da patroa, impossível de ser percorrida a pé.

O conto inicia enfocando Maria enquanto chefe de família e trabalhadora informal, e o sacrifício diário que representa a ida ao trabalho. Na fila do ônibus, de pé há mais de meia hora, cansada ao fim de mais um dia de trabalho, Maria está feliz: carrega uma sacola cheia de frutas, e um

osso de pernil; além disso, ganhara uma gorjeta. O alimento, em perfeito estado, inclusive um precioso melão, fruta que seus filhos jamais haviam comido, é sobra da festa que a patroa dera no fim de semana – preciosa metáfora: a periférica alimentando-se das sobras do centro.

Na descrição da espera do ônibus, a Maria trabalhadora confunde-se com a Maria mãe: rememora os despojos trazidos da casa da patroa em função dos filhos. Pensa nos dois menores, gripados, para quem agora poderia comprar remédios e Toddy com o dinheiro da gorjeta; indaga-se se as crianças apreciariam o melão. Já no ônibus, o encontro acidental com um homem que, levantando-se do último banco, vem sentar-se a seu lado, altera o enfoque: aquele é o pai de seu filho mais velho, seu homem, do qual ainda sente saudades. Agora é a Maria esposa que relembra a vida a dois no barraco, a gravidez e a felicidade do marido ao perceber que o bebê era um menino. Sem voltar-se para ela, o homem cochicha-lhe que tem saudade dela e do menino. Como ela, esta só, e não esquecera a companheira. Por fim, o homem sussurra-lhe um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ato contíguo, levanta-se, anunciando um assalto, juntamente com o comparsa, que permanecera no último banco. Os acontecimentos se precipitam: todos os passageiros são assaltados, com exceção de Maria e de um jovem; os homens fogem. Logo um passageiro, mais exaltado, grita:

aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu outra voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* (EVARISTO, 1991, p. 14, grifo da contista).

Percebe-se aqui, claramente, um conflito identitário: é a partir de posições diferentes, conflitantes, que a personagem Maria é chamada à ação. Não raro isso acontece com as posições identitárias, como Stuart Hall<sup>1</sup> resume: “Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apêlos, ou melhor, fazendo apêlos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (2005, p. 75). Nesse sentido, Woodward define identidade, de maneira concisa, como sendo nada mais do que as “posições que assumimos e com as quais nos identificamos” (2000, p. 55).

---

<sup>1</sup> Esta afirmação de Hall tem, como contexto imediato, reflexões sobre a possibilidade de um pós-moderno global. Segue o registro de como a vida social está mediada pelo mercado global de estilos, lugares, imagens, e sistemas midiáticos de comunicação, globalmente interligados, o que faz com que as identidades se tornem desvinculadas de tempo, história, tradições e lugares específicos. Contudo, mesmo em contextos em que não se verifica tal desvínculo, permanece o fato de que o indivíduo é chamado à ação, em sua identidade cultural, por numerosas posições identitárias, muitas vezes conflitantes. Feita essa ressalva contextual, a declaração é aplicável a este conto.

De certa forma, atribuir uma identidade a alguém equivale, para o indivíduo, a organizar sua percepção de mundo. Ante a massa indiferenciada de informações, surge a necessidade de distinguir o que identifica uma pessoa ou grupo, discriminado entre aqueles que o acolhem ou, no extremo oposto, os que o ferem, em suma: o que representa segurança ou o que se constitui em perigo em potencial. É necessário, pois, separar, classificar, distinguir os “nossos” dos “outros”. Assim, atribuir uma identidade a alguém é um ato classificatório que implica uma comparação e distinção entre um ser ou comunidade e o(s) seu(s) Outro(s).

Embora essa demarcação possa ser feita num espírito de abertura e integração, mais frequentemente é usada para estabelecer barreiras demarcatórias, via de regras excludentes. Uma vez que o sujeito enunciador é tomado como ponto referencial, normalmente se autoconstitui em parâmetro validador, ficando tudo e todos que diferem dele classificados como o outro, que já de saída é concebido com um saldo devedor em relação às virtudes do sujeito tomado como referencial.

É a partir desse contexto classificatório diferencial que um passageiro do conto, sentindo-se agredido e lesado, sente a necessidade de extravasar sua frustração naquela que lhe parece perigosamente outra. Distingue-a, assim, das mulheres virtuosas, das “nossas”, qualificando-a ofensivamente como “puta safada”. Parry Scott (1990), por volta da época em que o conto foi escrito, comentava a existência de separação cultural de gêneros em esferas nitidamente diferentes na realidade cognitiva brasileira. Enquanto a mulher tinha que lidar com a casa, ao homem cabia a esfera da rua. Se a mulher é descrita como ativamente controladora em sua casa, o homem é pensado como tendo controle sobre sua casa, ainda que, dado o afastamento físico do lar exigido pelo trabalho, a ambiência doméstica escape a sua efetiva e ativa vigilância. Daí por que os maiores e mais violentos insultos ao homem são os que se relacionam com sua incapacidade de controlar a mulher (“corno”), ou vir de uma família onde a mãe não foi controlada (“filho da puta”). À Maria reserva-se, assim, o pior insulto.

À medida que a identificação de Maria como assaltante vai se intensificado, aumenta também a agressividade verbal e física, estimulada pelo envolvimento crescente dos passageiros no conflito. Como coletividade, apoiam-se mutuamente, quer na acusação à mulher, quer em sua defesa, como o fazem as vozes isoladas do adolescente e do motorista, abafadas pela maioria. À acusação inicial – conhecer os assaltantes – segue-se a suposição de que está ativamente envolvida no assalto, como cúmplice: “*Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*” (EVARISTO, 1991, p. 14, grifo da contista).

A essa altura, a ofensa torna-se racializada: negra safada. Por paralelismo, a expressão equivale ao descritivo anterior, puta safada. Assim, o raciocínio subjacente parece ser: se é negra, não presta, em uma exacerbação do saber estereotipado sobre a sensualidade negra, aqui apelada em seu máximo grau ofensivo.

Em sua segunda intervenção, a primeira voz acusatória substitui o hipotético “vai ver” pela certeza da participação de Maria no assalto, e claramente equaliza negritude com desregramento: “*Aquela puta, aquela negra estava com os ladrões!*” (EVARISTO, 1991, p. 15, grifo da contista). Quando a raiva e o medo de Maria explodem, e ela declara sua inocência (não conhecia assaltante algum, nem devia satisfação a ninguém), é julgada como

atrevida, pelo que agora a convocação coletiva é para que a transgressora seja justificada por linchamento. A execução de Maria prossegue, não apenas motivada pela raiva incontida, mas intensificada pelo preconceito, o que leva ao estabelecimento de justiça pelas próprias mãos dos lesados.

A violência praticada contra Maria torna-se particularmente pungente pelo fato de que a posição identitária a partir da qual ela julga e percebe sua existência está em gritante contraste com a percepção que motiva seus agressores. Onde os outros veem o marginal, ela vê o pai de seus filhos, o homem que ainda parece amar. Onde os outros veem uma prostituta, ela sabe-se esposa e mãe. É exatamente a partir dessas duas posições identitárias que Maria raciocina em seus últimos momentos, quando se interroga por que estariam fazendo aquilo com ela, para quem tudo o que importava era transmitir o recado carinhoso do seu ex-homem ao filho, dizer-lhe que o pai enviara-lhe “um abraço, um beijo, um carinho”.

### 2.3 “Pais”: entre a parentalidade e a profissão na família nuclear

“Pais” apresenta uma família nuclear típica: pai, mãe e filha. Como as dificuldades de funcionamento familiar não estão, necessariamente, associadas a sua composição, mas sim às relações que se estabelecem entre os seus membros (GROSSMAN; ROWAT, 1994), convém ressaltar que é, mais especificamente, ao conflito entre o papel de profissional e de mãe que o conto remete. Porém, como o nome do conto põe em relevo, não se podem discutir os problemas que afetam um cônjuge, e principalmente aqueles que afetam os filhos, sem pensar, simultaneamente, em pai e mãe. Enquanto reflexão sobre a parentalidade, ou seja, a qualidade relacional manifesta através das respostas paternas às necessidades afetivas, físicas, cognitivas e psíquicas dos filhos, importa a discussão do papel de mãe, pai e filha nesse processo, e não a singularização de qualquer deles. Não por acaso, todos os personagens não são nomeados. Mais que indivíduos isolados, são enfocados a partir de sua posicionalidade no grupo familiar.

Ao início do conto, mãe e pai são apresentados como preocupados com a saúde da filha de três anos, cada um a seu modo. A mãe debruça-se sobre a menina, observa seus cabelos encaracolados, rememora a gestação, tem medo de acordá-la. O pai lembra à mãe que a febre da menina acabou, e pergunta-lhe se irá ao trabalho naquele dia: ainda que não circunscreva a mulher aos limites da casa, parece sugerir que esta é seu primeiro domínio. Quando a mulher afirma a ida ao trabalho, justificada pelo medo da demissão, o homem mal consegue conter a irritação. Exclama: “É a tua filha! É embaçado você deixar ela assim.” (BARBOSA, 2007, p. 141). Ato contíguo, fecha a cara, e pensa que a mulher ultimamente apresentava comportamento por demais egocêntrico. Já a mulher exprime claramente seus sentimentos, reafirmando o medo da demissão, embora pense apenas consigo mesmo o conflito mãe x profissional, a preferência por ficar em casa e levar a menina ao pronto-socorro, e os rumores acerca de demissões no trabalho, os piores possíveis.

Avaliando a posição da mulher no lar, Scott (1990) registra que, sabedora de que as tarefas da casa recairão sobre ela, a mulher é levada a pensar a casa de maneira tão ativa quanto crítica, a tal ponto que seu próprio sucesso ou fracasso de estratégia vital será avaliado por ela mesma, por outras mulheres e pelos homens de acordo como ela opera os elementos constitutivos da casa. Em “Pais” dois fatores contribuem para intensificar o drama da mãe/esposa, dividida entre a filha e o trabalho: tem medo de ficar desempregada, porque sabe que a questão racial interfere nas decisões, e o negro é o primeiro a perder o emprego; teme

também a reação da família, principalmente a da família do marido, já que recorda como o sogro e a sogra sempre se opuseram ao casamento.

No trabalho, a mãe continua dividida: é incapaz de se concentrar; parece-lhe que o chefe a toda hora “pega no seu pé”; telefona para casa, é informada pela diarista de que a menina não fora mandada para a escola. Nesse momento, a mãe sobrepassa a profissional: segundo o narrador de terceira pessoa, “desligou e lembrou-se” do nascimento da filha, do período de aleitamento, do modo como a maternidade mudara sua vida para sempre, do amor crescente pela filha. Debate-se entre o julgamento se a filha seria mais uma a “colocar barreiras em seu caminho” ou não, já que agora “cismara de dar trabalho” (BARBOSA, 2007, p. 142).

Sua meditação parece centrar-se na redescoberta da irreversibilidade da parentalidade o que, como Cavaco descreve, equivale também a um processo de maturação dos pais, e está em constante mutação: cada estágio de desenvolvimento dos filhos envolve adaptação nas expectativas, sentimentos, comportamentos e preocupações inerentes à função, direcionados à satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência, saúde, afeto e segurança, e também à provisão de suas necessidades cognitivas. É justamente em uma nova fase desse processo que os pais do conto são focalizados. Já agora sua filha não é mais um bebê. Se o amor por ela se solidificara com o tempo, também as responsabilidades aumentam, levando a conflitos entre satisfação pessoal e integridade familiar.

A mãe do conto entra em mais intenso dilema quando é chamada à sala do patrão, que lhe aponta erros constantes. Assume sua culpa, mas salienta que os erros não foram só dela, trabalha em equipe. A advertência patronal passa, então, a outro ponto: as faltas ao trabalho, e desatenção. Nesse momento a personagem racializa a censura, raciocinando que negro não pode errar, tem que ser como Pelé, camisa dez em tudo, pois dele se exige perfeição. Novamente avalia mentalmente os papéis de mãe e profissional, rememorando as fases da doença da filha que, pensa, não deve verbalizar para o chefe. Mas então, ante uma raiva súbita, até então surda, a mãe vence a profissional. Raciocina: “Por que culpar a menina?” Implícita no julgamento está a conclusão de que, se a menina não era a culpada, a fonte de sua situação crítica no emprego teria que ser o racismo. Extravasa, pois, duras verdades ao chefe - “Não tenho que ser perfeita. Sou um ser humano” (BARBOSA, 2007, p. 143). Crescentemente surpreso, este acaba por demitir a mulher.

Havendo chegado a um resultado no embate entre a profissional e a mãe, sente-se aliviada, até que o sentimento de culpa é realimentado pela descoberta de que o marido e a filha estão no hospital. Mais uma vez, reavalia a maternidade: “Se soubesse que era tanta dor de cabeça, não teria optado por filhos” (BARBOSA, 2007, p. 144). A descrição do encontro com o sogro à entrada do hospital instaura dúvidas quanto a real antipatia deste por ela. A mulher treme ao ver o sogro, que descreve como “alto, com cara fechada”. No entanto, este, ao vê-la, apenas justifica a razão de ter levado a menina ao hospital – aumento da tosse – mas se apressa a tranquilizá-la, afirmando, com um belo sorriso, que a menina já está bem.

O final do conto reúne mãe, pai e filha na sala de inalação. A posição de pais tem de ser repensada na presença da família toda. A relação familiar sofrera um abalo ante o estresse da doença. O narrador registra como a ida ao emprego, naquela manhã, tivera um padrão diferente dos demais dias: “Sem beijar o marido, saiu” (BARBOSA, 2007, p. 142). Porém, como Féres-Carneiro (1992) ressalta, uma família sadia não é aquela com ausência de



conflitos, mas a que encontra alternativas para a solução dos seus problemas e conseguir conter os efeitos destrutivos destes. É essa construção que o final do conto descreve.

O padrão comportamental familiar na história remete à expressão de sentimentos mais gestualmente do que através de palavras. No primeiro momento do encontro com a mulher no hospital, o homem tem ainda uma expressão tensa, que parece então ser mais causada pela situação da filha do que pelas decisões da mulher, cuja demissão ainda ignora. A mãe, então, centra-se na avaliação de seu amor pela filha, também somente para consigo mesma, em pensamento, reavaliando os elos corpóreo-afetivos que a ligam à menina: revive mais uma vez a gestação e o aleitamento. Totalmente invadida pelo amor materno, toma o propósito de fazer o seu melhor pela menina. Nesse momento, expressa amor e proteção pela filha gestualmente: assenta-se, e põe a menina em seu colo. A criança explode na declaração de seu amor pela mãe, que chora de emoção. O marido aproxima-se, emociona-se também. Avalia, também mentalmente, que as duas são seu motivo para viver, sua família. Acaricia, então, a face de ambas. Mais um conflito havia sido solucionado.

### 3 Conclusão

O questionamento da maternidade, nos contos analisados, leva em conta diferenças específicas relativas ao posicionamento sociocultural de cada uma das mães; por outro lado, escritas na contemporaneidade, as narrativas refletem não só a tradicional família nuclear, como uma variante familiar contemporânea, relacionada, em “Maria”, a formas de marginalidade. Para isso contribui a racialização da experiência materna nos contos, realidade decorrente do público primeiro visado pelos *Cadernos negros*, e da ambição dos autores de tornar visível a experiência negra, em toda a sua complexidade a seus leitores – negros ou não. A opção por representar essas mães como seres afligidos por identidades em conflito contribui para ampliar a compreensão do papel materno como um dos componentes da identidade cultural, e por isso mesmo em competição com outros elementos formativos, especialmente em ambientes em que variantes sociais e raciais acrescentam complexidade à posição de mãe e de mulher.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, Marcio. Pais. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Marcio. *Cadernos negros, volume 30: contos*. São Paulo: Quilombhoje, 2007. p. 141-145.

CARVALHO, Inajá M. Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e proteção social. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-122, 2003.

CAVACO, Nora Alexandra P. Almeida. [ 2011]. *Atitudes educativas parentais e resiliência no adolescente*. Disponível em: <[www.psicologia.pt/artigos/textos/A0551.pdf](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0551.pdf)>. Acesso em 25 março 2014.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

EVARISTO, Conceição. Maria. In: QUILOMBHOJE. *Cadernos negros, volume 14: contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1991. p. 12- 15.

\_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição. (Org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2011. p. 131-146.

FÉRES-CARNEIRO, T. Família e saúde mental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 8, p. 485-493, 1992.

GROSSMAN, M. & Rowat, K. M. Parental relationships, coping strategies, received support, and well-being in adolescents of separated or divorced and married parents. *Research in Nursing & Health*, Portland, v. 18, p. 249-261, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982. 540 p.

MARIA MULHER. [2012.] *Dia de Marias*. Disponível em <<http://www.mariamulher.org.br/index.htm>>. Acesso em 06 abr 2012.

SCOTT, Parry R. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 73, p. 38-47, 1990.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Literatura negra como literatura marginal: Brasil, 1980. In: FERREIRA, Elio; MENDES, Algemira de Macedo. (Org.). *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011. p. 125- 142.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomás da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

Artigo recebido em 31-03-2014  
Artigo aprovado em 01-07-2014